

Leandro Konder, um senhor dialético

Marco Antonio Rossi

Como citar: ROSSI, M. A. Leandro Konder, um senhor dialético. *In:* TOTTI, M. A.; CZAJKA, R. (org.). **Intelectuais, cultura e pensamento social no Brasil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 29-46. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-056-3.p29-46>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

LEANDRO KONDER, UM SENHOR DIALÉTICO

*Marco Antonio Rossi*¹

*Ninguém vai me tirar
o coração
O mundo vai mudar
com as nossas mãos
Wander Taffo*²

Em aula magna³ na PUC-Rio, em 2003, para referendar sua elevação à titularidade acadêmica, Leandro Konder aborda as tensas

¹ Sociólogo e professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR).

² Trata-se de refrão de uma canção, muito tocada nos shows de Wander Taffo, mas nunca gravada. Leandro Konder costumava abrir os capítulos de seus livros com trechos de canções da MPB.

³ Proferida em 28 de março de 2003, na Pontifícia Universidade Católica, no Rio de Janeiro, sob título “A dialética e o marxismo” e publicada na Revista *Chronos* n. 02, da UNIRIO, dedicada, na íntegra, a Leandro Konder.

relações entre o marxismo “oficial” e a dialética. Apostando no que chama de “inesgotabilidade do real” ou “irreduzibilidade da realidade ao conhecimento”, o autor de *A questão da ideologia* traça um panorama fecundo e ao mesmo tempo preocupante da história da dialética, dando ênfase aos desafios que lhe estão à frente.

Para superar o determinismo a que foi condenada pelo movimento operário e comunista, entre fins do século 19 e início do século 20, a dialética precisaria dedicar-se à própria reconstrução, esforçando-se por ampliar a *desconfiança* em relação às ideologias deformadoras da consciência humana e alimentar a *autoconfiança* que se encontra no conceito de *práxis* e se qualifica nas subjetividades autocríticas.

Afirma Konder (2006, p.96):

A construção do conhecimento necessita de desconfiança em relação a si mesma e também de autoconfiança. Em que a dialética, na concepção de Marx, pode contribuir para a satisfação de cada uma dessas necessidades? [...] A contribuição para a desconfiança vem pela ligação com o conceito de ideologia: a distorção ideológica pode ser tão sutil que eu não a perceba infiltrar-se em meu ponto de vista, em minhas razões, em minha ciência, em minhas intuições. [...] A contribuição para a autoconfiança vem pela ligação com o conceito de *práxis*, a atividade do sujeito que de algum modo aproveita algum conhecimento ao interferir no mundo, transformando-o e se transformando a si mesmo. [...] Se a *práxis* não se ligar a uma constante crítica das ideologias, ela irá degenerar em pragmatismo.

A dialética, então, requer uma contumaz crítica às ideologias, cujo eixo deve orientar-se pela *práxis*. Pensar e agir deixam de ser verbos divorciados e passam a existir em conjunto, num movimento que articula ideias, emoções e condutas revolucionárias. É nesse sentido que a subjetividade surge na dialética, para combater o determinismo das “causas objetivas” e, na mesma intensidade, encarar a necessidade de acolher a diferença, o surpreendente, o novo.

Hegel, explica Konder, embora reconhecesse as contradições do mundo que se manifestam diante do espírito, acreditava numa dialética que orbitava uma *razão constituída*, na qual os sujeitos não têm condições

de interferir. Para Marx, a dialética é exatamente o que resulta do conhecimento humano e sua interface com aquilo que os sujeitos fazem na realidade. Por isso, Marx vê a história como um produto possível da razão humana, obstruída em Hegel pela *irrazão* obsessiva dos fatos absolutos. A dialética em Marx, portanto, preconiza uma *razão constituinte*, em nome da qual os seres humanos se posicionam diante de seus limites, enfrentam as circunstâncias e abrem o campo da mudança à ação previamente pensada e elaborada, ou seja, à *práxis*.

No desenvolvimento de sua exposição, Leandro Konder atesta que, na história do marxismo, essa compreensão da dialética como *razão constituinte* foi denegada. Se o ímpeto de Marx era estabelecer “uma crítica implacável contra tudo que existe”, as urgências da luta política impuseram outra questão: em nome de alguns avanços na vida partidária e de uma suposta influência nos movimentos de massa, que os socialistas julgavam necessário preservar e ampliar, os partidos, sindicatos e associações de inclinação “marxista” (as aspas simbolizam o excesso de contravenções cometidas por essa expressão) enrijeceram as ideias e se entregaram a variações da teoria evolucionista, do mecanicismo sociológico e do determinismo econômico. Alheia à abertura inerente a um mundo real dinâmico e contraditório, a dialética se fechou e se empobreceu. Perdeu, destaca o autor de *A derrota da dialética*, sua conexão com a dialógica.

Não há dialética quando se torna impossível estabelecer uma relação franca entre interlocutores de diferentes pontos de vista. Fechada em si mesma, a dialética perde elasticidade, capacidade de produzir a velha síntese dos contrários, superando as aparências e caminhando rumo às essências dos fenômenos sociais. Sob os cuidados do “marxismo oficial”, a dialética não estimulava reflexões, não induzia a dúvidas, não valorizava o pensamento do oponente nos então obstruídos debates. Assim, convertia-se naquilo que Karel Kosik⁴, em *A dialética da moral e a moral da dialética*, advertiu ser a perigosa escolha entre uma “Bela Alma” – defensora de uma falsa pureza que a desvia dos riscos da ação, imobilizando-a – e um “Comissário” – que crê possuir uma “Verdade” inquestionável e capaz de orientar tudo e todos.

⁴ As referências a Karel Kosik por Leandro Konder são constantes. O marxista brasileiro se aproveitava das ideias do filósofo tcheco para refletir, sobretudo, acerca das possibilidades de construção de uma ética marxista. As orelhas da edição brasileira de *A dialética do concreto* (Editora Paz & Terra), principal obra de Kosik, foram escritas por Konder.

Para superar a crise que a mergulhou em dogmatismo e irracionalidade, a dialética requer, como postula Konder (2006, p. 98), assumir um recomeço:

Cabe-lhe resgatar a força da dialógica, que chegou a desempenhar um papel tão importante nos escritos de Platão, abrindo espaço no movimento do pensamento para a incorporação necessária do discurso do outro como pré-requisito para a elevação da filosofia em direção ao mundo das ideias. [...] Cabe-lhe associar a radicalização de sua vocação crítica [...] a uma modéstia metodológica e a uma vigilância autocrítica que lhe permitam enxergar suas próprias limitações e a estimulem a buscar naquilo que surge de novo no campo de seus interlocutores/contraditores elementos que podem – surpreendentemente – ensinar a ampliação de seus horizontes.

Leandro Konder enfatiza ainda as possíveis relações que a dialética tem com a mística. Por estar aberta ao novo, a dialética não prescinde da admissão de que o real é maior do que suas habilidades de apreendê-lo, significá-lo no conjunto dos conhecimentos existentes. Na busca por mediações para abordar certa transcendência da realidade, a dialética deve ter modéstia e muita serenidade. No escopo do “marxismo oficial” – um eufemismo para *marxismo vulgar* e *a-histórico* –, esse tipo de reflexão seria considerado heresia.

A *natureza*, em si, não define a vida em sociedade. Do modo como foi interpretada pelos não dialéticos, a história era portadora de uma condição inquebrantável, cujos contornos eram de total domínio de seus representantes legitimados pelos partidos e órgãos instituídos. Até meados do século 20, quando a obra de marxistas de nova cepa ganha espaço público (textos de Antonio Gramsci, Georg Lukács e Walter Benjamin, por exemplo), a dialética era vista e utilizada como método puro ou doutrina superior, um receituário de explicações irreplicáveis da realidade. Esse engessamento produziu inúmeros equívocos à esquerda, os quais, de diferentes maneiras, impulsionaram dolorosas derrotas ao pensamento progressista. Recomeçar, para a dialética, seria também reivindicar uma *revanche*⁵ na batalha das ideias.

⁵ *Leandro Konder, a revanche da dialética* é título de uma compilação de textos apresentados durante a *VI Jornada de Estudos da UNESP/Marília-SP* (1998), dedicada ao autor de *Marx: vida e obra* e publicada em parceria com a Boitempo Editorial em 2002. O nome do evento não poderia ser mais indicativo e oportuno.

**

O nascimento de Leandro Augusto Marques Coelho Konder foi registrado em 03 de janeiro de 1936⁶, na cidade de Petrópolis-RJ. Em 12 de novembro de 2014, após duas décadas de pugna contra o Mal de Parkinson, faleceu na capital fluminense. Em suas *Memórias de um intelectual comunista*, obra lançada em 2008, Konder revela que se tornou comunista aos 15 anos, em grande medida por influência direta do pai Valério Konder, médico sanitarista, militante histórico do PCB. Ao longo de mais de 60 anos, renovou sua aposta filosófica no marxismo e na capacidade de os seres humanos superarem o capitalismo e organizarem uma sociedade justa, livre e fraterna. É importante endossar: *renovou* sua aposta filosófica. O autor de *Bartolomeu*⁷ assegura em seus escritos autobiográficos que ser comunista não é repetir no século 21 propostas programáticas e juízos políticos formulados por Marx no século 19. Para não se tornar uma *monstruosidade*, todo programa político deve ser revisitado periodicamente, atendendo às exigências de seu tempo, aos desafios do momento histórico. É oportuna, aqui, a lembrança de Gramsci e de seu historicismo absoluto: é preciso um esforço a mais na tarefa de pensar a realidade *historicamente*.

A geração de intelectuais⁸ da qual Konder fez parte fortaleceu-se na luta teórico-política após a famosa *Declaração de Março de 1958*, do PCB (uma sinalização de novos rumos após as estremecedoras denúncias do secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Krushev, em 1956, contra Joseph Stalin). O autor de *A democracia e os comunistas no Brasil* foi desde sempre crítico contumaz da opção “marxista-leninista” do Partido Comunista do Brasil, de sua enorme

⁶ É curiosa e bem-humorada a história que Leandro Konder conta sobre a divergência entre a sua data de nascimento e a de seu registro: “Durante muito tempo, achei que tinha nascido no dia 3 de janeiro de 1936. Um dia, meu filho Caíto, que devia ter uns 8 anos, estava fazendo um horóscopo chinês e perguntou à minha mãe em que ano eu nascera, e ouvi quando ela respondeu: 1935. Estranhei a informação. Foi então que ela me contou a verdade: eu nasci, de fato, no dia 31 de dezembro de 1935, às 23h30. Perplexo, indaguei por que ela nunca me havia dito isso. E minha mãe, candidamente, alegou: ‘Você nunca perguntou...’” (KONDER, 2008, p.13).

⁷ É digna de nota a incursão de Leandro Konder pela literatura como escritor de romances. Ele publicou dois livros: *Bartolomeu* (Relume-Dumará, 1995) e *A morte de Rimbaud* (Companhia das Letras, 2000).

⁸ A geração de 1958 saiu fortalecida do 5.º Congresso do PCB. Orientada pela perspectiva democrática do chamado “marxismo ocidental” e também pela reivindicação de um *eurocomunismo* pelo Partido Comunista Italiano, menos centralista e mais aberto aos movimentos políticos da sociedade civil, a geração de 58^a teve, no Brasil, a participação/produção de intelectuais como Carlos Nelson Coutinho, Michael Löwy, Marco Aurélio Nogueira, Armênio Guedes, entre muitos outros.

resistência aos horizontes da democracia. Em busca de explicações e ilustrações para o raquitismo democrático na cultura brasileira, Leandro Konder encontrou em seus estudos um país de sociedade civil gelatinosa, além de uma estrutura de poder que assumiu inteiramente os processos de mudança social, dirigindo-os por cima, sem participação popular e apoiada em sucessivos golpes de violência institucionalizada contra os trabalhadores.

A partir de 1958, Konder entendeu que havia espaço no PCB para sua leitura de Marx e do Brasil. Nos debates internos do partido, de modo singular, apostou na *democracia radical* para enfrentar e superar o legado quase nada dialético dos comunistas brasileiros. Konder reverenciava a coragem e o desprendimento da maioria dos lutadores do PCB no país, ainda que se sentisse no dever de indicar seu voluntarismo e sua carência da compreensão do marxismo e das ricas dinâmicas da história.

Sobre a postura de Leandro Konder nas disputas internas do PCB, escreve Marcos Del Roio (2002, p. 135):

Leandro Konder exercia a crítica da tradição comunista no Brasil, crítica do ‘marxismo-leninismo’, mas ao mesmo tempo vasculhava o passado em busca de vestígios e brotos do tema da democracia. Explicava a débil cultura democrática dos comunistas pela forte influência do meio histórico: uma sociedade civil fraca e um desenvolvimento capitalista pela ‘via prussiana’, entrecruzaram-se com a ideologia “marxista-leninista” (melhor seria dizer “stalinista”) que veio a predominar no PCB. O resultado foi um discurso e uma cultura carregados de doutrinário e uma prática política que resvalava para o ‘golpismo’.

No livro *A democracia e os comunistas no Brasil*, publicado em 1980, Konder (1980, p.16) sublinha o profundo desacerto que produzia na cultura brasileira a debilidade da sociedade civil. Acostumado a criar pontes entre a realidade e a literatura, entre a ciência e a arte, ele cita o personagem Fabiano, de *Vidas Secas*, do mestre Graciliano Ramos, para ilustrar o modo como se inseria na experiência cotidiana a tragédia da onipresença estatal, coercitiva e violenta:

A fraqueza da sociedade civil marca a própria *psiquê* dos brasileiros, em geral. Uma poderosa imagem disso se encontra no romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Fabiano, o personagem principal, encontra por acaso, no interior do Nordeste, o ‘soldado amarelo’ que o tinha humilhado e espancado um ano antes, quando o camponês fora à cidade; o soldado está perdido, Fabiano está armado, é uma excelente ocasião para vingar-se. O camponês hesita, mas acaba dando ao soldado a informação que este pede para poder sair do local. Fabiano poupa o ‘soldado amarelo’ porque – explica para si mesmo – ‘governo é governo’. Se o seu universo conceitual fosse mais rico, Fabiano poderia ter dito: ‘o Estado é sempre o Estado’.

Logo à frente, no capítulo subsequente, Konder (1980, p. 17) expõe as vísceras do controle estatal brasileiro, cujo centralismo nos processos sociais de mudança produz no país uma das mais agressivas expressões da “via prussiana”:

O Estado é sempre o Estado: é da sua própria natureza que ele se faça envolver por uma névoa destinada a produzir na maioria da população a impressão de que ele é um poder misterioso, inacessível, inexpugnável. No Brasil, essa névoa, mesmo sem conseguir ser densa, tem sido historicamente muito eficaz, desarmando no espírito de homens simples como Fabiano qualquer esperança (e minando na base o ânimo crítico-revolucionário). Quando a máscara de intocabilidade não basta e algum Fabiano se subleva, o braço da repressão o esmaga. Foi o que aconteceu com os quilombolas no final do século 17; com o Tiradentes na impropriamente chamada “inconfidência mineira”; com João de Deus do Nascimento, Luís Dantas de Amorim Torres, Manoel Faustino dos Santos Lira e Luís Gonzaga das Virgens, na Bahia, em 1799; e com Joaquim Nunes Machado, na revolta “praieira”, em 1849.

A “modernização conservadora” foi a regra da condução política no Brasil. Essa estratégia – que Lenin denominava “via prussiana” e Gramsci encarava como “revolução passiva” – visava conter impulsos populares e retóricas revolucionárias, promovendo pelo alto transformações que distribuíssem migalhas aos mais pobres, dando-lhes a entender que o

Estado é o Estado, ou seja, realiza aquilo que é necessário sem interferências nem cobranças.

Konder notou que essa ideologia pouco afeita à *práxis* não era privilégio exclusivo das classes dominantes. No decurso do tempo, essa aversão ao diálogo – e, no limite, à dialética – contaminava também os estratos sociais mais progressistas e a mentalidade daqueles que se julgavam representantes históricos das classes subalternas. O esforço do autor de *Marxismo e alienação* por compreender as dinâmicas internas da luta política dos comunistas lhe permitiu constatar que a dialética havia sido, parafraseando Sérgio Buarque de Holanda⁹, um enorme mal-entendido no Brasil. Como “renovador”, nos quadros do PCB, Konder sofreu sucessivas derrotas no embate contra espíritos refratários aos ideais democráticos. Nas conferências e congressos do PCB, a opção democrática era descartada em nome de perspectivas centralistas e autoritárias, quando não apoiadas em sombras do inoportuno culto à personalidade. Após décadas de militância e defesa da democracia como opção para os comunistas do Brasil, Leandro Konder deixa o PCB, oficialmente, em 1982. Percorreria outros partidos, como o Partido dos Trabalhadores (PT), e terminaria como um dos fundadores do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). A decisão por se dedicar à educação, à escrita de livros e à história das ideias socialistas, no entanto, sobressaiu. A dialética, ao lado da *democracia como valor universal*¹⁰, seria então a protagonista de sua inserção no debate público, como, verdade seja dada à luz, jamais deixara de ser.

A dialética, na visão de muitos marxistas, tinha um caráter épico, como lembra Konder em um dos capítulos de suas memórias. Exatamente por acharem que ela não poderia ser nunca derrotada, a dialética deixou de

⁹ Em *Raízes do Brasil*, livro publicado em 1936, o historiador paulista afirma que, capturada por uma elite semifeudal, a *democracia* havia sido desde sempre *um lamentável mal-entendido*.

¹⁰ Lançado em 1979, um pouco antes de *A democracia e os comunistas no Brasil* (1980), o ensaio *A democracia como valor universal*, de Carlos Nelson Coutinho – amigo fraterno e parceiro de ideias e lutas de Konder por mais de 40 anos – provocava um controverso e pioneiro debate sobre as relações nem sempre amistosas entre o socialismo e a democracia, no Brasil e no mundo. Sua premissa, a de que democracia e socialismo são siameses, permanece muito atual.

travar as batalhas nas quais sua presença era tão necessária. Em seu lugar, comparecia uma mistura mal-ajambrada de positivismo e evolucionismo, algo bem próximo a um método invencível de avaliação da realidade, repleto de superpoderes.

Na verdade, esse apego cego às vicissitudes indestrutíveis da dialética acabava, na prática, se convertendo em profundo desprezo por suas efetivas possibilidades. Como já apontado, a dialética requer o desnudamento das ideologias à sua volta e a confiança nos postulados da *práxis*, ou seja, de um conhecimento que tencione a realidade (objeto) e a consciência (sujeito) ao mesmo tempo. Assim, a dialética deve se valer de si mesma para compreender suas condições de entendimento da vida sob o capitalismo. É nesse momento que entram em cena duas destemidas palavras-chave: *mediações* e *fluidificação dos conceitos*.

O conhecimento possui dimensões prontas e ainda por se realizarem. Nesses termos, pode-se falar em contatos imediatos e mediatos entre sujeito e objeto. O *imediato* é aquilo que se dá no encontro entre o que vive e o já vivido: trata-se de um saber já experimentado, rapidamente percebido. O *mediato*, de outra maneira, depende de circunstâncias e condições que variam no tempo e no espaço. A melhor utilização de um objeto depende da relação que se tem com ele. Assim, quanto mais questões são formuladas pelo sujeito da ação, melhores são suas disposições diante daquilo que almeja conhecer. Um instrumento musical, por exemplo, se apreciado de modo meramente prático (*imediato*, para tocar uma música) deixa de se revelar em sua historicidade. Afinal de contas, quem o inventou? A quais estilos serve de forma mais efetiva? Quais musicistas o dominam de forma mais virtuosa? Em que álbuns musicais aparece executado de exímia maneira? Que arranjos outras culturas musicais fazem de sua sonoridade? Para cada uma dessas questões, uma série de mediações se torna necessária para a construção de respostas. Viajar no tempo, percorrer inúmeros espaços, buscar variadas fontes e compará-las, tudo isso requer apoio em conhecimentos já elaborados, a fim de esboçar novos saberes sobre as práticas cotidianas. O uso dialético das mediações, portanto, impede que se atribuam fundamentos eternos ao conhecido, ao uso imediato de tudo que existe. O que há pode vir a ser diferente – e o que virá será alterado outras vezes, de acordo com as mediações eleitas subjetivamente.

Em *O que é dialética*, livro que Konder publica em 1981, em seus derradeiros momentos como militante do PCB, “derrotado” pelos adversários do conhecimento *mediatizado*, há novo recurso às relações entre Hegel e Marx na tentativa de elucidar as diferenças entre o que cogitavam os dois filósofos a respeito das possibilidades da dialética. Analisa Konder (2003, p. 51):

É compreensível [...] que até hoje existam muitas discussões sobre a dialética de Marx. Quais são, precisamente, suas características essenciais? Quais são, precisamente, suas relações com a dialética de Hegel? (...) Hegel descrevia o processo global da realidade da seguinte maneira: a Ideia Absoluta assumiu a imperfeição (a instabilidade) da matéria, desdobrou-se em uma série de movimentos que a explicitavam e realizavam, para afinal, com a trajetória ascensional do ser humano, iniciar – enriquecida – seu retorno a si mesma. Essa descrição – que é claramente *idealista* – supõe o conhecimento do ponto de partida e do ponto de chegada do movimento da realidade. Quer dizer: é a descrição do processo da realidade como uma totalidade fechada, “redonda”. Marx, como *materialista*, não podia aceitar essa descrição: para ele, o processo da realidade só podia ser encarado como uma totalidade aberta, quer dizer, através de esquemas que não pretendessem “reduzir” a infinita riqueza da realidade ao conhecimento.

Algum tempo mais tarde, recuperando as investigações que havia iniciado durante o exílio na Europa, entre 1972 e 1978, e que resultariam em sua tese de doutoramento, *A derrota da dialética*, defendida em 1987, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Leandro Konder entende que, embora se declarassem *materialistas*, os comunistas do início do século 20 defendiam uma visão romântica e *idealista* da dialética, “redonda”, “imediate”, avessa ao caráter inexoravelmente surpreendente da realidade. Na abertura de sua tese, na seção intitulada *Nota preliminar sobre a dialética*, Konder (1988, p.09) assevera:

O modo de pensar dialético [...] implica um esforço constante da consciência no sentido de ela se abrir para o reconhecimento do novo, do inédito, das contradições que irrompem no campo visual do sujeito e lhe revelam a existência de problemas que ele não estava enxergando. A exigência do reconhecimento

de todas as contradições pode entrar em choque (e, de fato, com frequência entra) com exigências de outro tipo, que são as exigências ligadas às tarefas práticas urgentes que a luta política apresenta aos revolucionários. Em determinadas circunstâncias, o reconhecimento da complexidade e da contraditoriedade do quadro da ação pode paralisar – ou ao menos entorpecer – a intervenção eficaz do sujeito no combate; em tais circunstâncias, os dirigentes políticos das forças pragmaticamente comprometidas com a mudança tendem a mobilizá-las através de fórmulas não dialéticas, cujo efeito lhes parece ser mais direto e imediato.

Certo “irrealismo político”, portanto, aprisionava os marxistas às suas próprias circunstâncias, forçando-os a desviar os sentidos do fluxo do tempo. A questão passava a ser mais a defesa de uma determinada visão de mundo, com suas particularidades e intransigências, e (bem) menos a aceitação de que nada há fora dos eventos históricos. “Marx não reconhece a existência de nenhum aspecto da realidade humana situado acima da história ou fora dela” (KONDER, 2003, p.53). O que, então – para além do exagerado apego ideológico às suas causas e vantagens políticas –, induzia os marxistas a essa postura não dialética?

Konder (1988, p.09) suspeita ter encontrado o *fió de Ariadne*¹¹:

[...] não podemos esquecer o fato de que os revolucionários são seres formados pela própria sociedade que estão negando, de modo que estão sempre marcados pelo mundo que desejam modificar. Com a divisão social do trabalho, com a hipercompetitividade estimulada pelo mercado capitalista, a insegurança se generaliza e atinge todas as pessoas: não só aquelas que temem mudanças históricas como aquelas que, em princípio, estão empenhadas em promovê-las. A insegurança penetra na “alma” do combatente e o leva a se apoiar em certezas, a procurar fundamentar suas opções em valores inquestionáveis.

É pelo juízo de que a dialética necessita de si mesma para enfrentar o congelamento da realidade e libertar os revolucionários das teses

¹¹ *O fió de Ariadne*, expressão pertencente ao vasto universo mitológico dos gregos, representa, metaforicamente, o cordão que conduz os sujeitos pelos labirintos da alma humana e os traz de volta à realidade, com as respostas necessárias aos desafios da existência.

“redondas” e “imediatas” de explicação do mundo e das relações sociais, conduzindo-se, portanto, pela humildade humana diante da grandeza da história, que a *fluidificação dos conceitos* se apresenta com pertinência.

Comparando Hegel a Marx, no uso de categorias conceituais para capturar as mudanças qualitativas das ideias e dos fenômenos da vida, Konder (2003, p.51-53) relata:

Para dar conta do movimento infinitamente rico pelo qual a realidade está sempre assumindo formas novas, os conceitos com os quais o nosso conhecimento trabalha precisam aprender a ser “fluidos”. Hegel [...] lançou as bases para a “fluidificação” dos conceitos; em Hegel, no entanto, a “fluidificação” ficava limitada pelo caráter excessivamente abstrato do quadro global (totalidade) da história humana. Isso se vê, por exemplo, no uso do conceito de *natureza humana*: em Hegel, o ser humano que promovia o movimento da história era uma abstrata “autoconsciência”, ligada à tal da Ideia Absoluta, praticamente desvinculada dos problemas que afetam o *corpo* dos homens, de modo que a “natureza humana”, tal como Hegel a entendia, era idealizada, tinha muito pouco de “natureza” e por isso lhe faltava uma dimensão histórica mais concreta. Marx, por sua vez, conseguiu “fluidificar” muito mais radicalmente o conceito de *natureza humana*. Para Marx, o homem tinha um corpo, uma dimensão concretamente “natural”, e por isso a *natureza humana* se modificava materialmente, na sua atividade física sobre o mundo: “ao atuar sobre a natureza exterior, o homem modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”. O movimento autotransformador da *natureza humana*, para Marx, não é um movimento espiritual (como em Hegel) e sim um movimento material, que abrange a modificação não só das normas de trabalho e organização prática de vida, mas também dos próprios órgãos dos sentidos: o olho humano passou a ver coisas que não enxergava antes, o ouvido humano foi educado pela música para ouvir coisas que não escutava antes, etc. “A *formação* dos cinco sentidos” – escreveu Marx – “é trabalho de toda a história passada.”

Leandro Konder insiste que é na história que o conceito de dialética proposto por Marx tem suas melhores chances de desenvolvimento. Nesse sentido, a *natureza humana* se faz e refaz em face das mediações escolhidas pelos sujeitos do pensamento e da ação. Ao se relacionar com o mundo, o

ser humano cria uma realidade à sua imagem e semelhança, reinventando a si mesmo, aprimorando os sentidos, abrindo oportunidades para que sua “natureza” se altere profundamente. Essa síntese entre dialética objetiva – a força arbitrária das circunstâncias – e dialética subjetiva – o poder das escolhas articuladas com o desejo de mudança – acusa a realidade de ser vertiginosamente instável, imprevisível. Os processos revolucionários que se pretendam mais avançados e abrangentes não podem prescindir da constatação de que as mediações corretas, unidas ao desprendimento de deixar que os conceitos “fluam” no tempo e no espaço, definem os atributos do conhecimento e, em alguma medida (provisória e imperfeita, é claro), o curso dos fenômenos. Afinal, *os homens fazem a sua própria história* (abertura dada pela *práxis*), *mas não exatamente como querem* (por conta de impedimentos ideológicos).

O *otimismo ativo* é uma característica da conduta pessoal de Leandro Konder. Seus estudos sobre os sucessivos mal-entendidos que a dialética despertou na mentalidade dos revolucionários no Brasil e no mundo poderiam levá-lo ao desespero ou à condenação do marxismo como opção teórica e prática. A ausência da dialética nas contribuições dos bravos combatentes da história, contudo, não significa que ela não existe. Ao contrário: simboliza sua força, ao passo que alerta sobre sua complexidade. Por ser exigente, a dialética não se afeiçoa aos espíritos acomodados, dispostos a converter em verdade palavras feitas e lugares-comuns. E por se revelar excessivamente caprichosa, ela não se permite acompanhar de doutrinarianismo e mesquinha teórica – a dialética, numa palavra, como enfatiza Konder (2003, p.87), lembrando o argentino Carlos Astrada, *é semente para alimentar dragões*¹².

A dialética insiste em dotar as consciências do senso de que as mudanças são o epicentro da realidade. Sem parecer óbvia, ela quer

¹² A imagem da dialética como *semente lançada aos dragões*, que Leandro Konder reproduz em *O que é dialética*, é uma resposta à acusação de José Guilherme Merquior contra o método de Marx. Segundo o ensaísta liberal, em *As ideias e as formas*, a dialética não passa de uma *dama de prazeres fáceis*, com a qual se obtém resposta para tudo. Pensada *dialeleticamente*, contudo, a própria dialética é exigente e não se presta a delírios gratuitos, fora do tempo histórico e das limitações impostas pelas ideologias hegemônicas.

ser insubmissa. Para tanto, exige que a crítica que os sujeitos em seu nome dirigem ao mundo seja também direcionada à sua própria atuação. Para estarem efetivamente habilitados a contestar, os indivíduos e grupos dialéticos têm o dever de se autocriticarem, direta e impiedosamente. A máxima de Terêncio continua profícua: “Nada que é humano deve parecer estranho”.

Konder (2003, p.85, 87) assegura:

A dialética não dá “boa consciência” a ninguém. Sua função não é tornar determinadas pessoas satisfeitas consigo mesmas. O método dialético nos incita a rever o passado à luz do que está acontecendo no presente; ele questiona o presente em nome do futuro, o que está sendo em nome do que “ainda não é” [...]. Um espírito agudamente dialético como o poeta Bertolt Brecht disse uma vez: “O que é, exatamente por ser tal como é, não vai ficar tal como está”. Essa consciência da inevitabilidade da mudança e da impossibilidade de escamotear as contradições incomoda os beneficiários de interesses constituídos e os dependentes de hábitos mentais de valores cristalizados.

E recorrendo a *razão constituinte* com a qual deve ser preenchida a dialética como modo de ver o mundo, Konder (2003, p.87) interpõe o caráter incômodo do *método de dar sementes aos dragões*:

A dialética intranquiliza os comodistas, assusta os preconceituosos, perturba desagradavelmente os pragmáticos ou utilitários. Para os que assumem, consciente ou inconscientemente, uma posição de compromisso com o modo de produção capitalista, a dialética é “subversiva”, porque demonstra que o capitalismo está sendo superado e incita a superá-lo. Para os revolucionários românticos de ultraesquerda, a dialética é um elemento complicador utilizado por intelectuais pedantes, um método que desmoraliza as fantasias irracionalistas, desmarca o voluntarismo e exige que as mediações do real sejam respeitadas pela ação revolucionária. Para os tecnocratas, que manipulam o comportamento humano (mesmo em nome do socialismo), a dialética é a teimosa rebelião daquilo que eles chamam de “fatores imponderáveis”: o resultado da insistência do ser humano em não ser tratado como uma máquina.

A dialética, ensina Konder, desagrada a gregos e troianos. Seu espírito rebelde põe em xeque todas as tentativas de congelamento da história – negação da *práxis* – e todas as crenças que se julgam imunes às deformações ideológicas presentes em seu âmago. *Negar, conservar, superar*: o movimento dialético é ousado, não oferece concessões e reivindica o direito de transformar o mundo, para muito além de apenas interpretá-lo, como vaticina Marx na famosa 11.^a tese sobre Feuerbach.

Dialética tem duplo significado em sua origem etimológica no grego: em *dia*, tem-se a ideia de *reciprocidade, diálogo*; para *logos* (substantivo) ou *logein* (verbo), atribuem-se tanto o significado de *palavra, discurso*, quanto o de *razão*. Desdobramento de diálogo, a expressão dialética pressupõe que a vida em sociedade seja intercambiável, transada, repartida entre suas distintas partes. Isso é da palavra (do enunciado da existência) e da razão (da capacidade humana de criar e recriar a si e o mundo).

Konder em sua obra dá centralidade à dialética não apenas em termos teórico-conceituais, como em *O que é dialética* e *A derrota da dialética*, publicações inteiramente dedicadas à compreensão de suas *desventuras* na história, mas, essencialmente, no modo como aborda os objetos vivos de sua investigação filosófica. Em seus escritos sobre a arte, a alienação, o fascismo, a educação, a ideologia, entre inúmeros outros, o autor de *Sobre o amor* inebria-se da dialética como instrumento de análise e, também, visão de mundo, *historicizando* tudo à volta, contextualizando personagens, cenários e enredos. Os livros dedicados a protagonistas da história do socialismo – como Charles Fourier, Flora Tristan, Walter Benjamin, Georg Lukács e o poeta Bertolt Brecht, para citar alguns – ilustram bem o caso: muito mais do que inventariar vida e obra, Konder posiciona seus biografados nas lutas de seu tempo, nas dificuldades de enfrentamento das questões ligadas ao poder e às mentalidades e culturas hegemônicas. A dialética, portanto, aparece nas linhas e entrelinhas de suas narrativas.

Para o historiador Lincoln Secco (2002, p. 120-121), a influência de Antonio Gramsci e Walter Benjamin sobre o pensamento de Konder, sintetizada na consolidada opção *luckacsiana* de juventude, é fundamental para entender sua adesão à dialética e à superação de eventuais visões *etapistas* da história. Gramsci convenceu-o a colocar tudo na história e a destacar o papel da cultura nas formações sociais de tipo “ocidental”, com fortes sociedades civis e complexas “guerras de posição”, em detrimento à perspectiva “oriental” de “guerras de movimento”¹³. O espírito democrático em sua visão de mundo advém, certamente, dessas convicções, que se somam ao desejo, tal qual em Benjamim, de fugir à linearidade da ideia de progresso e, assim, “escovar a história a contrapelo”.

A tarefa de *negar* o que está dado, *conservando* seus aspectos positivos e, por isso, mais duradouros e relevantes, *superando* as experiências sociais alicerçadas na exploração humana, está na dialética de Marx e se enriquece no chamado “marxismo ocidental”¹⁴, do qual fazem parte autores e obras que moldaram a consciência de Leandro Konder. A opção do autor de *O futuro da filosofia da práxis* pela arredia dialética só se tornou possível porque uma geração de marxistas, dentro e fora do país, encarou o desafio de oferecer veias democráticas ao sangue socialista, contagiado pelos malogros dogmáticos que assaltaram a cena mundial no curso do século 20. *A aposta dialética* de Konder, portanto, fez-se lufada de ar fresco na luta pela renovação do marxismo e na reivindicação da democracia como valor inegociável entre os comunistas. Como ele mesmo insistia em

¹³ Para o comunista sardo Antonio Gramsci há dois tipos de processos revolucionários, que ele analisa no 7.º de seus *Cadernos do Cárcere*: aquele que se desloca por irrupções e tomadas do poder (“guerra de movimento”) e aquele que depende do fortalecimento da sociedade civil, num caminho aberto e democrático para a oposição de ideias e visões de mundo (“guerra de posições”). O primeiro tipo ocorre onde a sociedade civil é fraca e desarticulada, carente de maturidade política (“oriental”, em alusão a Revolução de Outubro, 1917). A segunda é típica das sociedades europeias, nas quais as lutas políticas se efetivaram no curso do tempo e propiciaram a maturidade da luta de classes e a busca por consenso e hegemonia (“ocidental”). Vale ressaltar que Gramsci não faz referências a parâmetros geográficos para definir sociedades de um tipo ou de outro: a questão é, portanto, política e cultural.

¹⁴ A defesa de um “marxismo ocidental” em oposição às correntes orientadas pela influência soviética aparece, de modo precursor, em Perry Anderson (*Considerações sobre o marxismo ocidental*, 1976) e, antes, em Merleau-Ponty (*As aventuras da dialética*, 1955). O termo e o tema são controversos. Domenico Losurdo, por exemplo (em *Marxismo Ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*, 2017), aponta que a separação do marxismo em “duas partes” renega as contribuições valiosas que cada lado poderia aproveitar do outro. Ainda assim, os representantes do “marxismo ocidental”, como Gramsci, Benjamin e os *frankfurtianos*, foram lidos de modo *ligeiro*, buscando-se neles mais do que se podia ler em suas obras, o que os desvirtuava funcionalmente em benefício de interesses específicos e, como tais, limitados. Isso, de acordo com Losurdo, levou a vertente “ocidental” do marxismo ao colapso. Apesar dessas polêmicas, a ideia de “marxismo ocidental” é aqui empregada para fortalecer a perspectiva dialética contra os engessamentos dogmáticos do nominado “marxismo oficial”.

afirmar, sempre de bom-humor, tratava-se mesmo e uma aposta, de um ato de fé.

Numa época em que a esperança¹⁵ anda tão combatida, é bom saber que passaram pelo mundo sujeitos como Leandro Konder, que não perderam a fé.

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia como valor universal e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- DEL ROIO, Marcos. Leandro Konder, um capítulo da história dos intelectuais. In: PINASSI, Maria Orlando (org.). *A revanche da dialética*. São Paulo: UNESP, Boitempo, 2002. p.127-142.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- KONDER, Leandro. A dialética e o marxismo. *Revista Chronos*: publicação cultural da UNIRIO/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, 2006.
- KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KONDER, Leandro. *Hegel, a razão quase enlouquecida*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- KONDER, Leandro. *Memórias de um intelectual comunista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- KONDER, Leandro. *Walter Benjamin, o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- KOSIK, Karel. A dialética da moral e a moral da dialética. In: VOLPE, Galvano Dellaet al. *Moral e Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 99-117.
- LOSURDO, Domenico. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- SECCO, Lincoln. Leandro Konder, leitor de Gramsci. In: PINASSI, Maria Orlando (org.). *A revanche da dialética*. São Paulo: UNESP; Boitempo, 2002. p. 102-114.

¹⁵ É sintomática a frase de Walter Benjamin que Leandro Konder escolhe para concluir a apresentação do livro em que biografou o autor das *Passagens*: “A esperança só nos é dada por consideração àqueles que não têm mais esperança”.

